

# O sentir e o pensar para o exercício da cidadania

## Autores:

### Nádia Pires Alves

Mestre em Ciências da Educação,  
Professor Efetivo do Município de  
Itapipoca, Ceará

DOI: 10.58203/Licuri.83096

### Como citar este capítulo:

PIRES, Nádia Pires. O sentir e o pensar para o exercício da cidadania. In: MEDEIROS, Janiara de Lima (Org.). *Ensino e Educação: contextos e vivências*. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 204-212. v. 2.

ISBN: 978-65-999183-2-2

## Resumo

---

Este artigo tem como objetivo partilhar ações voltadas à sensibilização e emoção de alunos de Artes Visuais da Escola Arx Tourinho, rede Municipal de Salvador, Bahia. Investigou-se como as experiências sensíveis dos sujeitos podem contribuir com as práticas de ensino evidenciando o respeito aos próprios instrumentos e o valor da percepção crítica da realidade. Para tanto, foram realizadas aulas vivenciais com alunos do 9º ano, nas quais foi desenvolvida atividade reflexiva, na tentativa de entender quem somos diante da imensidão da natureza e levantar questões sobre mudanças de atitudes perante a sociedade. Foi percebido que os alunos foram tocados por sensação e emoções que despertaram o pensamento crítico-reflexivo. Reflete-se, então, sobre a importância das potencialidades associadas a um conhecimento prévio, relacionada às vivências e às emoções para (re)significar o aprendizado e despertar a consciência crítico-reflexiva.

---

**Palavras-chave:** Letramento. Linguagem. Aprendizagem. Educador.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um estudo descritivo e exploratório, o qual é parte da dissertação de mestrado intitulada “As poéticas contemporâneas em sala de aula: Um percurso criativo na Escola Arx Tourinho” (ALVES, 2022). Os sujeitos do estudo foram 90 alunos de três turmas de 9º ano na Escola Arx Tourinho, rede municipal de Salvador, Bahia. Neste artigo deseja-se refletir sobre as aulas de Artes Visuais, no qual os dados sensíveis sejam levados em consideração. Com intuito de entender quem somos diante da imensidão da natureza e levantar questões sobre mudanças de atitudes perante a sociedade, foram realizadas aulas vivenciais com XX alunos, nas quais foi desenvolvida atividade reflexiva, tocando os alunos por sensações e emoções que despertaram o pensamento crítico-reflexivo.

## METODOLOGIA

A proposta de estudo desta pesquisa se deu através da metodologia qualitativa, em que sugerimos vários percursos e as/os estudantes escolheram seus próprios caminhos. Nesta orientação, o pensamento foi oferecer a ampliação de percepções por vias diversas através de exercícios de análise e criação artísticas. Portanto, a natureza processual foi a essência desta metodologia utilizada, no qual cada objeto de conhecimento conecta a outro conteúdo, valorizando os sentimentos, como o medo que levanta a coragem, numa relação estreita ou como uma trama quando os fios se cruzam no sentido do tear.

Durante as atividades de Artes Visuais, se buscou desenvolver ações focadas no desenvolvimento dos sujeitos pensantes, observando diferentes dimensões do ponto de vista cognitivo e levando em conta o físico, afetivo e emocional, do social e cultural. Utilizamos as aulas para ampliar as percepções e as experiências do sensível, pesquisando múltiplas culturas, que dialoguem com as diferenças, ofereçam espaços e possibilidades inventivas e expressivas, de modo a transcender os limites escolares. Para sensibilização, foi realizada uma aula de campo reflexiva, na tentativa de entender quem somos diante da imensidão da natureza e levantar questões sobre mudanças de atitudes perante a sociedade. Após a vivência (Figura 1), se buscou analisar, qualitativamente, as percepções dos alunos.



**Figura 1.** Aula de campo Espaço de silêncio Mãe Natureza, aula de campo no Jardim Botânico, Salvador BA. Fonte: Acervo próprio

## A SIGNIFICAÇÃO AO APRENDER

No processo de educação para os anseios contemporâneos, há a busca constante por uma escola que desenvolva integralmente o sujeito, embora argumentar qual o papel da educação solicite muitas considerações, é possível constatar que atualmente ainda se faz necessário passar por reformulações a procura de uma aprendizagem que promova uma percepção de mundo e possibilite a transformação da realidade social. Para analisar o papel da escola, é discutida a linha de pensamento de Vygotsky (2010), que defende a constituição do indivíduo pela interação com o meio em que está inserido.

Para o psicólogo, o homem se forma a partir da interação do ser humano com o meio, numa relação dialética, indivíduo e mundo, transformando o ambiente e vice-versa, porquanto, essa experiência de vida, cada um com seu próprio significado, resulta em novas aprendizagens. O autor sociointeracionista rejeita as teorias que defendem a possibilidade do ser humano já trazer consigo características que se desenvolverá ao longo da vida e as estruturas naturais dos organismos como fator primordial para o desenvolvimento. Acredita no que se refere a dialógica, que orienta a aquisição intelectual e tem origem social, portanto, não pode ser reconhecida como fator natural.

Sendo assim, a partir da premissa do sociointeracionismo, entende-se que o desenvolvimento de uma pessoa acontece a partir de contatos, do convívio com outros indivíduos e suas interferências culturais. Os seres da natureza, bem como tudo que é

produzido, despertam em todos nós diversas emoções, boas ou não, para o nosso entendimento, uma manifestação da atividade dos seres humanos ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem e ao conhecê-lo. Vygotsky destaca que essa

dupla transformação, relações entre o homem e a sociedade, é capaz de desenvolver controle consciente do comportamento em relação às características do ambiente, resultando em práticas planejadas para vida em sociedade.

Partindo do pressuposto que “Este - o mundo - é o lugar do encontro de cada um consigo mesmo e os demais”, citando o prefácio da obra *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire pelo professor Ernani Maria Fiori, reafirma-se a importância das coisas da existência para o desenvolvimento humano. Na mesma obra o autor confirma que “[...] ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2021, p.44). Toda aprendizagem demanda a existência de pessoas ou a existência de objetos, conteúdos da natureza ou da cultura a serem seguidos e modificados.

A professora e o professor da contemporaneidade averiguam, repensam, revêm, criando possibilidades que facilite a produção e construção dos estudantes, diante das importâncias e das existências, tornando-os seres capazes de recriar/refazer/rever as suas experiências para enfrentar a complexidade do mundo. Para tal, são provocadas práticas humanizadoras que podem nos ajudar na leitura crítica em busca de uma sociedade justa, solidária e compassiva. Essa condição exige pessoas instigadoras, criativas e inquietas, que sintam interesse em descobrir as suas potencialidades e, assim, descobrir sobre si mesmo e qual o seu objetivo na vida.

Paulo Freire chama atenção para educadoras/es ou aquelas/es que desejam adquirir a habilidade de ensinar: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. (p.25) E acrescenta: “Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa. (2021, p.25). Para o educador ensinar não é transferir conhecimento e conteúdos a “um corpo indeciso e acomodado”, trazer informações para pessoas inertes que tudo recebem como verdades absolutas, sem a prática da troca de assuntos ou acontecimentos. “Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo.” (FREIRE, 2021, p.28).

Freire adverte-nos para a necessidade do educador assumir uma postura de ser, para tanto, ele precisa tentar pensar na relação entre o que ele oferece na sala de aula e a

inclusão de elementos que sejam realmente significativos e expressivos, vigilante contra posturas desumanas ou detentoras de saber. Assim, busca-se uma prática educadora, que leva em consideração os pensamentos e emoções, mas que não se distancie dos seus valores. Paratá, se pode pensar que “[...] o saber ser da sabedoria exercitados, permanentemente, podem nos ajudar a fazer a necessária leitura crítica das verdadeiras causas da degradação humana e da razão de ser do discurso fatalista da globalização. (FREIRE, 2021, p.13).

Relações dialógicas como abordagem de ensino para a significação ao aprender, levando em conta a escuta atenta, a exposição dos pontos de vistas e o respeito às diferenças, é o que se procura para as nossas aulas de Artes visuais. O diálogo como ponto de partida, seguindo a prescrição de Paulo Freire:

O educador ou a educadora crítica, exigente, coerente no exercício de sua reflexão sobre a prática educativa, ou no exercício da própria prática, sempre entende em sua totalidade. Não centra a prática educativa, por exemplo, nem no educando, nem no educador, nem no conteúdo, nem nos métodos, mas a compreende nas relações de seus vários componentes, no uso coerente, por parte do educador ou da educadora dos materiais, dos métodos, das técnicas (FREIRE, 2021, p. 110).

Para ensinar um certo conteúdo a educadora e o educador, precisam ter competência para fazê-lo, além do preparo científico, com responsabilidade ética e política, ofício de sujeitos transformadores e rigorosamente comprometidas/os com o comportamento atencioso no meio social, incentivando a pensar, a mostrar o mundo e a sugerir a intervenção. Mais do que ensinar “o certo” é ensinar a acessar caminhos, diante disso compreende-se que as práticas requeridas no ciclo dialógico de aprender/ensinar procuram bases na luta e no respeito.

Ainda acerca da prática de ensino, Freire aconselha que o educador [...] assuma uma postura vigilante contra todas as práticas de desumanização. (FREIRE, 2021, p.13), uma prática docente enquanto dimensão social da formação humana. Inexiste método perfeito para o processo de ensinar, no entanto, é importante tentar não restringir a capacidade de desenvolver condições de pensar/repensar criticamente as coisas do mundo, para, no momento adequado, utilizar esses pensamentos na vida. Desafiar o alunado a produzir

argumentos seguros e, principalmente, éticos, para natureza da prática educativa em favor da eticidade como defende Freire: “Quando, porém, falo da ética universal do ser humano estou falando da ética enquanto marca da natureza humana, enquanto algo absolutamente indispensável à convivência humana” (FREIRE, 2021, p.19).

Inquietações e atravessamentos em busca de um caminho através do ensino das artes, que provoque a consolidação de uma sociedade justa, nos levaram a repensar as nossas práticas, procurando usar métodos, técnicas e conteúdos compreendidos em suas totalidades. Por meio da tentativa dessa prática coerente e através do olhar inquietante de arte educadora, vamos, convictas/os da importância da realização do ensino através do diálogo em detrimento da “educação bancária”, que o professor vê o aluno como um banco, no qual deposita o conhecimento, que aqui são referidos apoiados em Paulo Freire (2021). Sob essa ótica, se entende como fundamental a prática dialógica em sala de aula para qualquer componente curricular, e em Artes ainda mais, pela própria pretensão da área, que visa expressar ideias, emoções e formas de ver o mundo.

O ato de ensinar, aponta para uma rota que exige interpretações, com informações dosadas para quem ouve, tornando-se conexões para novas leituras e arranjos. Nesse sentido, acredita-se que dentre as prerrogativas em que a atuação do ensino deve se fundamentar, estão as atividades propostas por intermédio das próprias experiências, baseadas nos próprios desejos e interações com o meio.

A teoria de John Dewey ressalta os fatores sociais, culturais e individuais, afirmando que a formação do conhecimento não se consolida isolada das coisas do mundo, a fim de permitir ao próprio filósofo um resumo do seu pensamento, quando este explica que para aprender é preciso “fazer associações retrospectivas e prospectivas entre aquilo que fazemos às coisas e aquilo que, em consequência, essas coisas nos fazem gozar ou sofrer.” (DEWEY, 1979b, p. 153). Dewey argumenta que se deve “aprender da experiência”, saborear o mundo para aquisição dos conhecimentos, uma hipótese que o desenvolvimento cognitivo ocorre a partir das experiências. Quando se experimenta esse mundo, testa-se possibilidades e observam-se o que nos rodeiam, sendo possível a compreensão para se consolidar uma aprendizagem.

Torna-se importante salientar o pensamento de Dewey, que demanda conexão entre conhecimento e sensibilidade, tendo em vista o desafio de formar sujeitos críticos. Entrar em contato, ter acesso e produzir no ambiente da arte devem ser, para a/o estudante, práticas que lhe levem a se perceber em um contexto de linguagens e interações de

conhecimentos relacionados à expressão humana no decorrer da sua trajetória estudantil. Com isso, alarga-se a compreensão de que a história e o meio social são construídos, sendo a/o estudante um sujeito ativo nesse processo.

O ambiente fornece a energia necessária ao aprender, desde que se faça dessa energia propósito para quem aprende. Uma relação entre o que se passa e o que nos parece importante, numa capacidade de compreender as informações, os objetivos e métodos, que se transformam em experiências significativas o que se vive, se sente e em consequência torna-se instrução - ou seja, a relação entre as coisas. (DEWEY, 1979a, p. 153). O filósofo trata o conhecimento como uma experiência completa e íntegra e que toda experiência só termina quando cada momento for percorrido, sendo que a conclusão não é alvo independente. Assim, pontua: Confio tanto nas potencialidades de educação quando tratada como desenvolvimento inteligentemente dirigido das possibilidades inerentes à experiência ordinária da vida, que não sinto necessidade de criticar aqui outro caminho. (DEWEY, 1979, p.96). Conforme defende, os conteúdos ensinados são assimilados de forma mais eficiente quando associados aos fragmentos da realidade.

O processo do(a) ensino/aprendizagem baseado no compartilhamento de experiências estimula à reflexão. Dito isso, se faz necessária proposições de atividades que tragam à tona reflexões críticas acerca do contexto dos estudantes, temas pertinentes às suas vidas, pautado na democracia e na liberdade de pensamento, instrumentos para a maturação emocional e intelectual das crianças e das/os adolescentes. Essa ordenação acontece de forma mais efetiva quando a informação é associada a um conhecimento prévio, ou relacionada às vivências e às emoções.

O ideário de Dewey acerca da experiência é a interação da criatura viva com as condições que a rodeiam. Seja qual for o material (ciência, arte, filosofia ou matemática), para ser uma experiência, precisa ter qualidade estética, para unificar a experiência enquanto reflexão e emoção. Isso posto, se entende que é a utilização dos elementos do concreto, vivenciando-os na necessidade urgente de desmistificar a ideia de que existe uma dissociação entre a escola e a vida, que é possível acurar os sentimentos no solucionar dos problemas. O desafio de elucidar, não como uma afirmação de inutilidade da figura do mestre, embora, pautada no diálogo que orienta a autonomia e o seguir em frente, mas da professora ou professor que leva em consideração as circunstâncias da vida. Promover a autodeterminação e o desenvolvimento da consciência crítica, a instrução contra a desigualdade social, econômica, de gênero e racial.

A partir de questões que são tão imediatas na jornada educativa, até esse momento, esta discussão é orientada para uma trajetória mais humanizada, suscitando debates/embates que rejeitem qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero é negação total da democracia e, pior, podem levar a efeitos destruidores como depressão ou ansiedade e até a morte das vítimas, portanto, inexistem justificativas para explicar uma superioridade dos seres.

A proposta é discutir com as/os alunas/os a realidade concreta, ouvindo as falas silenciadas e mesclando diferentes vozes, levantando a bandeira contra qualquer tipo de discriminação, associando ao componente cujo conteúdo se ensina, defendendo pontos de vistas emancipadores. Muitas/os estudantes se encontram em local desprivilegiado, de exclusão e com seus direitos limitados, enfrentando preconceitos e exploração. Diante de tais constatações, o olhar do educador se volta para essas e esses jovens, sugerindo que é possível lutar por uma educação justa, que vise uma aprendizagem com os diferentes tipos de conhecimento e de forma igualitária.

Levando-se em consideração a desigualdade social, o constante apagamento das experiências dos sujeitos excluídos e reconhecendo que nenhum fato, seja ele histórico ou social, é aceitável para ratificar atitudes de superioridade, discriminação e preconceito, o educador faz investimentos na discussão e em práticas que resultam no fortalecimento de laços de pertencimento, de relações de proximidade e do desenvolvimento da cidadania.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos aos estímulos das artes visuais a partir das experiências sensíveis dos sujeitos, revelam uma educação ligadas às experiências da vida. O educador utiliza a sensibilidade, as vivências, a intuição e o pensamento, dirigindo para os sentidos à vida humana. Entretanto, vários elementos foram surgindo pelo caminho, em alguns momentos enriquecendo a proposta e, em outras situações, fazendo recomeçar, o que não foi um problema, embora tenha sido assustador.

A nossa pesquisa teve base no fortalecimento das potencialidades criativas, corroborando com os valores que falam dos próprios instrumentos e objetos, tendo como propiciador/a o/a professor/a. Isso através da arte, que pela sua própria natureza tem



elementos propositores. Essa foi a essência do nosso projeto, um trabalho investigativo, apesar de não responder aos temas sobre as coisas ordinárias do mundo.

As poéticas pessoais aqui investigadas não deram conta de mostrar todos os quesitos levantados, uma vez que é levado em conta dados sensíveis e estes nem sempre são respondidos. Esses resultados não foram obtidos, pois, é desconhecido de que forma, tampouco em que intensidade as aulas de artes visuais da Escola Municipal Arx Tourinho transformaram as/os estudantes. Só é possível afirmar que algo as/os tocou, quando foram relacionadas às vivências e às emoções, (re)significando e despertando assim o aprendizado e a consciência crítico-reflexiva.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte/educação contemporânea consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. 3 ed. São Paulo ed. nacional 1979a

DEWEY, John.. **Democracia e Educação**. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira, 3. ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional (1979b).

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2000. 233 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em:

<<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253464>>. Acesso em: 20 set. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. - São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

SOUZA, Marise Berta; ALVES, Nádia Pires; CORDEIRO, Poliana Deusa Almeida **Juventudes brasileiras: questões contemporâneas** / Victor Hugo Nedel Oliveira, Rosane Castilho, org. **Educação, Cultura e Juventude: Experiência sensível nas práticas de artes visuais**. Parnaíba, PI: Acadêmica Editorial, 2021, p.127-146.